



50 anos de reinado

A Abelha Rainha por ela mesma



Casa do Brasil encerrou seu Ciclo Cultural 2015 “**Brasileiros Memoráveis**” homenageando Maria Bethânia, em palavras do poeta Ferreira Gullar (ver *JornalDaCasa* #47) “aquele tipo de cantora que não deixa dúvida. A gente ouve e já sabe: uma intérprete excepcional... uma cantora nacional, deste país, enraizada nele, e na multidão de vozes e cantos que exprimem a nossa vida destaca-se a sua, bela, já turva, já iluminada, que canta por todos nós.” Primeira cantora brasileira a esbarrar em 1 milhão de cópias vendidas por um disco (*Álibi*, 1978), Bethânia gravou 34 álbuns de estúdio, 15 álbuns ao vivo, diversas participações em trilhas sonoras de filmes e novelas, além de inúmeras colaborações com outros artistas, e vendeu mais de 26 milhões de cópias. Senhoras e senhores, com vocês, Betha, Berré, Maricotinha, Abelha Rainha... a majestade soberana, absoluta e arrebatadora nos palcos: **Maria Bethânia**.

“Somos oito irmãos, dois adotados, alguns muito parecidos... Mas Caetano (ver *JDC* # 27 e 28) e eu somos grudados. Quando nasci, ele tinha 4 anos e me deu o nome. Tirou de uma valsa linda do Capiba, gravada por Nelson Gonçalves: “*Maria Bethânia/ Tu és para mim a senhora do engenho/ Em sonhos te vejo, Maria Bethânia/ És tudo que eu tenho*”. Meu irmão Rodrigo queria Mary

Gisleine, nome de uma rumbeira do circo por quem estava apaixonado. Entre a valsa e a rumbeira, meu pai agarrou o boné e fez o sorteio, cada um pôs um nome. Saiu Mary Gisleine. Mas Caetano fez birra.”

“O Rio me chamou para trabalhar. Eu vim para cá com 17 anos, para substituir a Nara Leão (ver *JDC* #2), que estava rouca, no show “**Opinião**”. Achei que ia fazer uns cinco dias e voltar, mas me disseram: ‘É para você fazer a temporada’. Eu voltei à Bahia para ver se meus pais deixavam eu ficar. Eram 12 meses no Rio, e eu ainda tinha que viajar para São Paulo e fazer turnê. Ou seja, era vir embora mesmo. Mas só saí de verdade de Santo Amaro da Purificação quando fui para São Paulo, e vivi lá por um ano e oito meses. Morava num apart-hotel de antigamente: eram três andares, num prédio próximo à Praça da República, o Baden [Powell] no primeiro, eu no segundo e o Vinicius [de Moraes] no terceiro.”

“Já passei por todas as **gravadoras** do Brasil. Sou o contrário da Fafá de Belém, que, num programa de TV em que os quatro convidados dela eram presidentes de gravadoras, dizia, muito orgulhosa, que nunca tinha brigado com eles. Eu brigo com todos e vou-me embora. Gravadora é pra vender e eu, pra criar. Tem de haver um desentendimento.”



“Quando eu era menina, eu queria ter um amor... e ter **filhos**. Mas nunca pensei em ser como minha mãe, ser dona de casa, largar minha carreira. Eu ia continuar fazendo o que faço. O palco é muito importante para mim. Não me interessa a vida sem ele.”

“Quando eu era pequena e acreditava em **Deus**, Caetano chegou para mim e disse que Deus não existia, mas continuei acreditando em Deus. O que não tenho é muita intimidade com Ele. Me dá um pouco de medo. Como fui criada em colégio de freiras, o convento de Nossa senhora dos Humildes, em Santo Amaro, fui ameaçada com a imagem daquele Ser que vê tudo, um perseguidor, um milico tirano me vigiando para me botar em cana a qualquer momento. Intimidade, mesmo, eu tenho com Nossa Senhora - com ela, tudo bem. Para uma pessoa de palco como eu, é irresistível a beleza das cantigas, dos ritmos, das roupas, das comidas. As proibições todas chatas e pesadas de repente sumiram, a culpa se afastou. Deus não faz mal; o santo, se é santo, não faz mal. Isso dá uma intimidade, uma confiança, que é maravilhosa.”

“Deus é quem determina tudo - e foi muito claro comigo. Ele não me deu filhos. Ele me deu a **voz**, que é feminina. Quando eu falo que lido com a minha voz com uma atenção fora do normal, que não gasto minha voz à toa, nem com nomes nem com pessoas ruins, é porque acho que ela é um dom sagrado que não me pertence. Nesse meu corpo mora isso que Deus plantou na Terra.”

“Como fui criada na religião **católica**, na minha casa tem Santo Antônio, Senhor do Bonfim, Santa Bárbara, Nossa Senhora da Purificação, a Sagrada Família, Deus Menino, tenho de tudo que é para minha adoração. E uma casa de santos para o candomblé, que não comporta imagem.”

“A coisa mais bonita que o Brasil tem é a **cultura** popular. Sabe que está preservando essa cultura? Famílias simples como a minha, meu pai, que era funcionário dos correios e ensinou música aos oito filhos. E gente como o Naná Vasconcelos, que junta

500 crianças de rua em Recife, ensina todo o mundo a tocar em caixa de fósforo, lata de cerveja, tampa de panela. Ensina nossos ritmos, percussão. No final de um tempo, ele elege 100 crianças e faz um disco. Isso é um Ministério da Cultura. E sabe com quanto dinheiro ele trabalha? Nenhum. É maravilhoso, mas é dever do estado: preservar, não ter vergonha. Para assimilar o que vem de fora a gente não tem de acabar com o que é nosso.”

“Todo ano eu faço **festas** em minha casa. São as festas de que eu gosto, as juninas. Tem Santo Antônio, meu aniversário, São João e São Pedro. No interior, onde me criei, é o mês mais adorável.”

“Apesar dessa minha fama, tenho facilidade para fazer amizade. Coisa de Gêmeos. Sou danada. Não sei por quê, mas as pessoas todas, pai, mãe, irmãs, namorados, amigos, amigas, empregadas, todo mundo na minha vida tem um **ciúme** de mim infernal. Eu tenho que conciliar. É uma coisa carinhosa, que eu provo.”

“Eu vivo muito apaixonada. Pode ser por uma pessoa, um espetáculo ou por uma ideia. Preciso de algo que me dê ânimo e me incendeie. A serenidade e a **paixão** podem parecer duas coisas divergentes, mas com o passar do tempo você começa a aprender como juntar as duas coisas.”

“A primeira vez que recitei **Pessoa** foi em *Rosa dos Ventos*, em 1971. Mas, aos 13 anos, li um poema e fiquei completamente apaixonada. Ele é o poeta que mais me traduz, assim como o Chico e o Caetano na composição. Essa coisa da multiplicidade de personalidades e de estilos literários que há nos heterônimos do Fernando me fascina, pois nós também somos muitas pessoas ao mesmo tempo.”

“A **Bahia** fervilhava com sua Escola de Teatro, para onde vinham pessoas de todo o mundo à procura de um trabalho enriquecedor. O Glauber Rocha surgia no cinema, a arquitetura da Bahia começava a ser destaque... Não falo isso por saudosismo, é



que nosso país tem memória curta e é necessário que a gente reconheça nossos talentos. Temos coisas muito boas hoje, mas podemos ter outras ainda muito melhores.”

“Pra montar o **repertório** eu demoro. Não sou rápida. E não gosto de pressa. Ouço muitas vezes, não sei quando gosto, quando comecei a gostar. Recebo muitas fitas, discos, encho todos os meus porta-CDs e fico 'cozinhando' aquilo, vou ouvindo e, de repente, peço 'bota tal música aí' ou então, 'pode continuar'. E isso é ótimo. Se eu parar tudo e decidir 'agora vou ouvir esta música', acho tudo um saco. Pode ser Caetano Veloso no auge da inspiração, Chico Buarque, pode ser Deus compondendo. Mas se eu parar para escutar e estudar, não dá certo. Nunca gostei de estudar. Sempre aprendi tudo na minha vida fingindo que não estou prestando atenção, que estou interessada em outra coisa e que alguém meu presta a atenção e escolhe. Se eu parar pra fazer, me sinto obrigada, aprisionada. Aí não tenho humor, não tenho a sensibilidade de ficar toda vigiada. Quanto a misturar, o que acontece comigo, e que talvez faça a diferença com relação às outras cantoras da minha e da nova geração, é que tenho uma interpretação mais forte do que só o canto. Sou intérprete, me interessa o lado dramático e preciso de um fio que me conduza. Imaginário, um subtexto meu, que eu invento.”

“Desde menina eu sabia que iria trabalhar no **palco**, fosse como atriz, cantora, dançarina ou trapezista. Sempre me atraiu muito a possibilidade de atuar correndo um certo perigo, e o palco se tornou para minha carreira de cantora a rede de apoio que a trapezista tem no picadeiro. O palco é o susto mais extraordinário que pode existir. E a cada dia é um susto novo. Não adianta, mesmo com tantos anos de carreira ainda tremo, tenho taquicardia, mão fria. A verdade é a minha essência e eu nunca subi ao palco pra mentir. A vida pode até ter mentiras, mas no palco tudo é sempre real.”

“Quando eu **amo**, pode ser mulher, homem, bicho, cachorro, pode ser tudo, o que for. Eu deixo a fantasia passear bem.”

Eu gosto das **cantoras** que tem o lado de intérprete mais aguçado, cujas vozes parecem vir das tripas, como Nana Caymmi, Edith Piaf e Billie Holliday. Costumo dizer que a voz mora em mim, mas não é minha, ela pertence à humanidade. É algo muito poderoso que você não comanda.”

“Sou de família católica e tive toda a formação que a igreja requer, do batismo ao crisma. Ainda hoje tenho uma forte ligação com o catolicismo, principalmente com Nossa Senhora. Adulta, resolvi me aproximar do **Candomblé** devido à exuberância dos seus rituais e pelo fato da natureza ser algo que faz parte da sua crença. É comovente e confortável poder lidar com um Deus que faz parte de árvores e folhas que estão próximas a mim. Preciso disso.”

“Nos anos 60 eu convivi num ambiente em que se fumava muita **maconha**, só que aquele cheiro me enjoava muito. Tenho uma percepção muito sensível, em todos os sentidos. Eu dizia: ‘Gente, não fuma perto de mim que eu passo mal’. Anos depois veio a moda da cocaína. Eu cheirei uma vez e fiquei apavorada, louca que passasse logo aquele efeito. Achava horrível ver aquelas pessoas na ilusão de serem algo que não correspondia à realidade.”

“Não tenho medo de ficar **velha**. Me cabelo demorou pra ficar branco e eu peço aos fotógrafos que não disfarcem, nem na capa do meu disco. Também não vou fazer plástica nenhuma. Pretendo me divertir muito e não jogar nada fora. Até minha voz melhorou.”

“Sou interiorana, sou de Santo Amaro da Purificação, continuo com as mesmas agonias de uma menina do interior. Procuo sim, viver todo dia muito bem, feliz. E minha maneira de ser feliz é muito **reservada**. Sou muito calada, na minha... Gosto da minha casa, dos meus amigos, do meu trabalho. Não sou uma mulher que gosta de ir a festas, não suporto restaurante, detesto boate, não gosto de multidão, não vou aonde tem foco para ser fotografada. Sou pessoa de dentro de casa e saio quando dá vontade e para o que me interessa. Nasci assim.”



Ao pé da letra

Olhos nos Olhos

Em *Olhos nos Olhos*, como em *Folhetim*, *Bárbara* e *Tatuagem*, entre outras canções, **Chico Buarque** fala por meio do chamado “eu lírico feminino”. No caso dessa canção, de 1976, o autor constrói um fino jogo psicológico. Numa entrevista à revista *Nossa América*, Chico afirmou que não existe necessariamente uma ligação entre uma canção e seu estado de espírito: “Eu me lembro muito bem de uma tarde em que fiquei conversando horas com o dramaturgo Paulo Pontes, meu parceiro em *Gota d’água*. Ele tinha voltado de uma viagem ao Nordeste e estava doente. Eu sabia que a doença era terminal. Mas ele não sabia, ou fingia que não, e passou a tarde falando do que tinha visto no Nordeste. Era 1976, e Paulo Pontes cheio de dúvidas em relação ao Brasil, a questão social, enfim, uma conversa densa, e eu muito impressionado com aquilo tudo, na verdade mais impressionado com a doença do que com o Nordeste. Voltei para casa agoniado e louco para tocar violão. Naquela noite, eu escrevi *Olhos nos Olhos*, uma canção de amor que não tinha nada a ver com nada”.

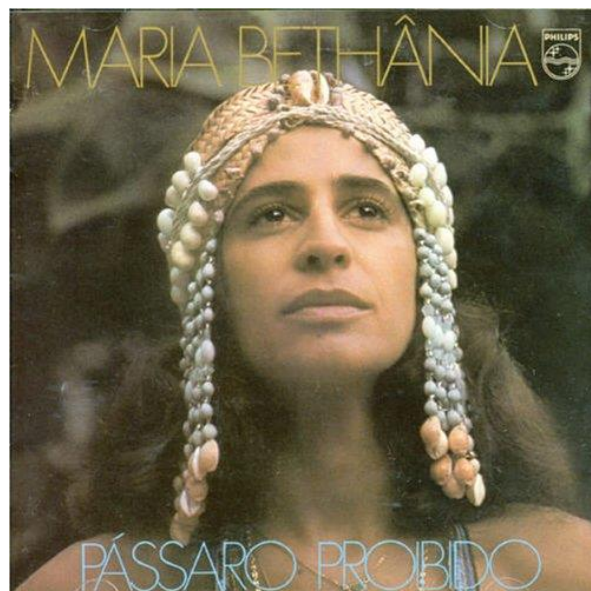
Em 1990, Chico desabafou à Radio JB: “Fiz muitas músicas de encomenda para teatro. Nesses casos, mais do que os personagens, eu procuro saber quem é o ator ou a atriz que vai interpretá-las. Então, em minha cabeça, eu misturo a figura da atriz com a da cantora que gostaria que cantasse aquela música. Daí saíram canções como *Folhetim*, que tem a cara da Gal (ver JDC #55). Quando terminei *Olhos nos Olhos* eu disse: olha, esta música está a cara da Maria Bethânia”. Realmente uma composição melodramática como *Olhos nos Olhos* teria que ser cantada por Maria Bethânia, tal como outras (*Sem Açúcar*, *O Meu Amor*, *Gota d’água*), pois até versos banais ganham especial dramaticidade em sua voz ronca. Uma curiosidade: a cantora não termina na tônica. Na tonalidade de la maior, por exemplo, a melodia acaba na nota sol, sétimo grau da escala, o que dá uma sensação de que não termina.

Quando você me deixou, meu bem
Me disse pra ser feliz e passar bem
Quis morrer de ciúme, quase enlouqueci
Mas depois, como era de costume, obedeci

Quando você me quiser rever
Já vai me encontrar refeita, pode crer
Olhos nos olhos, quero ver o que você faz
Ao sentir que sem você eu passo bem demais

E que venho até remoçando
Me pego cantando
Sem mais nem porquê
E tantas águas rolaram
Quantos homens me amaram
Bem mais e melhor que você

Quando talvez precisar de mim
'Cê sabe que a casa é sempre sua, venha sim
Olhos nos olhos, quero ver o que você diz
Quero ver como suporta me ver tão feliz



Discos onde ouvir:

Chico Buarque – *Meus Caros Amigos* (1976)
Maria Bethânia – *Pássaro Proibido* (1976)
Miúcha & Antônio Carlos Jobim (1977)
Ivete / Gil / Caetano – *Especial* (2012)

Veja também:

<https://youtu.be/6J9zB-E2e9o>
<https://youtu.be/JjF4kflqLcs>



De Oiapoque ao Chui

Jaú, o maior parque do mundo



O Parque Nacional do Jaú, administrado pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), é a maior reserva florestal do Brasil e o maior parque do mundo em floresta tropical úmida intacta, constituindo-se uma importante amostra dos ecossistemas amazônicos. Localiza-se na Floresta Amazônica, abrangendo os municípios de Novo Airão e Barcelos. Este parque possui uma área de cerca de **2,4 milhões de hectares**, cuja peculiaridade mais extraordinária é o fato de ser esta a única unidade de conservação do Brasil que protege totalmente a bacia de um rio extenso e volumoso, o Rio Jaú, preservando ecossistemas de águas pretas. Sua denominação se deriva do nome de um dos maiores peixes brasileiros, o jaú (do tupi, ya'ú), que também cede seu nome ao principal rio do parque. A criação do parque foi proposta pelo Ibama com apoio dos estudos realizados pelo Inpa (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia), considerando a área valiosa para preservação de recursos genéticos. Seu objetivo é preservar os ecossistemas naturais, destinando-se a fins científicos, culturais, educativos e recreativos. Criado em 24 de setembro de 1980, somente no ano de 2000 é que o parque foi inscrito pela Unesco na lista do **Patrimônio Mundial**.

A riqueza da floresta tropical e o maior lago amazônico, o **Amanã**, são atrativos do local, representado por um maciço de vegetação, composto por floresta densa tropical ou florestas abertas e fauna diversificada. Na **vegetação** há predominância de castanheira-da-amazônia, angelim-rajado, quaruba, sucupira, breu, maçaranduba, palmeiras, açaí, amapá-doce e cipó, que fornece água de excelente qualidade. Típicos da **fauna** equatorial, são encontrados no parque as raras ou ameaçadas onça-pintada, suçuarana, jaguatirica, jaguarundi e gato-domato. Há também peixe-boi, lontra gigante, boto, macaco-de-cheiro, anta, e uma grande variedade de peixes, répteis e aves. A região do parque foi o primeiro pólo de povoamento na Amazônia por indígenas marcado por batalhas pela posse do território. O Parque Nacional do Jaú, além da exuberância da Floresta Amazônica e sua biodiversidade, é também ótimo para a prática de caminhada e canoagem e, claro, para a contemplação das suas belezas naturais.

Como chegar: A partir de Manaus (AM), pode-se viajar de lancha ou barco pelo Rio Negro até Novo Airão, o que leva de 6 a 18 horas. Em Novo Airão, deve-se alugar outro barco a seguir pelo Rio Jaú até a área do parque. Por via terrestre, deve-se ir pela estrada que liga Manacapuru a Novo Airão.



Maiúsculas

O Vampiro de Curitiba

Dedicando-se quase exclusivamente ao conto, **Dalton Trevisan** acabou consagrando-se como mestre da narrativa curta. Com inúmeros prêmios na bagagem, continua recusando a fama. Estima a reclusão e o anonimato. Enclausura-se na sua casa, não cede o número do telefone e não recebe visitas. Cerca-o tamanho ar de mistério que recebeu o apelido de *O Vampiro de Curitiba*, título de seu livro mais famoso.

A obra apresenta uma série de relatos em torno do protagonista Nelsinho, rapaz que vaga pela cidade em busca de sexo e de afeto. Ele segue e assedia velhinhas, matronas, viúvas de preto, normalistas e prostitutas. O jovem, assim como o vampiro, é vítima da repetição infinita de seus desejos, o que só lhe agrava o quadro de solidão: “Tem piedade, Senhor, são tantas, eu tão sozinho”. Nelsinho tanto pode ser um único personagem como vários, representados pelo mesmo nome. De todo modo, por meio desse **anti-herói** vampiresco, ao leitor descortina-se o panorama de uma cidade decaída, onde se esconde um vampiro no fundo de cada “filho de família”. Na forma, um estilo ferino e cortante: “Aí, me dá vontade até de morrer. Veja só a boquinha dela como está pedindo beijo – beijo de virgem é mordida de taturana. Você grita vinte e quatro horas e desmaia feliz. É das que molham os lábios com a ponta da língua para ficar mais excitante (...). Se eu fosse me chegando perto, como quem não quer nada – ah, querida, é apenas uma folha seca ao vento – e me encostasse bem devagar na safadinha...”.

Nascido em Curitiba em 1925, Dalton Jérson Trevisan estudou direito, profissão que logo abandonou. Trabalhando depois na fábrica da família, foi vítima de um acidente grave, que o levou ao hospital por um mês. O episódio marcou-lhe a vida: ainda sob o efeito do medo de morrer, escreveu sua primeira novela. Em 1946, fundou a revista literária *Joaquim*. Além de apresentar traduções de

Proust, Joyce, Kafka e Gide, a publicação reunia ensaios assinados por Antonio Candido, Mário de Andrade e Otto Maria Carpeaux e poemas até então inéditos, como *Caso do Vestido*, de Carlos Drummond de Andrade (ver JDC #52). Em 1959, a editora José Olympo publica suas *Novelas nada Exemplares*, compilando uma produção de duas décadas com a qual conquistou público e crítica. Várias outras coletâneas se seguiram, entre elas *Cemitério de Elefantes* (1964) e *O Vampiro de Curitiba* (1965).

Com o passar do tempo, as histórias de Trevisan se tornam cada vez mais curtas; sua linguagem, mais breve e concisa. Nesse estilo cada vez mais condensado, muitos de seus personagens são chamados simplesmente de João e Maria: são ao mesmo tempo qualquer pessoa e cada um de nós. No entender do tradutor **Gregory Rabassa**, “Trevisan segue o caminho de Machado de Assis, que considera o escritor um clássico da língua portuguesa e que, em nome da realidade, detestava o *realismo*, essa convenção cinzenta que aprendemos a confundir com o real”. Entre seus outros escritos, acham-se *A Guerra Conjugal* (1969), *A Polaquinha* (1985) e *Pico na Veia* (2002).





Telinhas e telonas

Dois mundos e uma só vontade: liberdade



No dia 7 de dezembro, Teledoce estreou a nova novela das 7: **Lado a Lado**. Rio de Janeiro, 1904. Em Botafogo, Laura (**Marjorie Estiano**) está prestes a se casar, mas sem muito entusiasmo. Ela e o noivo, Edgar (**Thiago Fragoso**), namoraram antes dele embarcar para Portugal, onde foi estudar direito. Antes de ir, num impulso apaixonado, Edgar a pediu em casamento. Laura aceitou, porém, passados quatro anos, nenhum dos dois tem tanta certeza de seus sentimentos. O casamento se realizará mais por insistência das famílias do que dos noivos. Laura e Edgar não poderiam ter sonhos mais diferentes. Ela, inteligente e idealista, não quer se tornar uma dona-de-casa, nem mulher de sociedade, quer continuar os estudos, trabalhar, ser independente. Apesar da oposição da família, principalmente, da mãe, Dona Constância (**Patrícia Pillar**), Laura quer ensinar, passar o gosto de ler para crianças, e ambiciona, em segredo, escrever, tornar-se escritora. Já Edgar preferia ter adiado o casamento e ficado mais tempo em Portugal. Um dos motivos que o prende em terras lusitanas, entretanto, ele não revela à família. Apesar de advogado, Edgar enveredou mesmo foi para o jornalismo. Em Lisboa, já iniciara a sua carreira, em um jornal da cidade. Trabalhava como jornalista investigativo, fazendo denúncias sociais. Mas seu pai, o senador Bonifácio (**Cássio Gabus**

Mendes), quer o filho no Brasil, assumindo os negócios da família, na fábrica Vieira, no lugar do seu irmão mais velho, Fernando Vieira (**Caio Blat**), cujo trabalho como diretor da fábrica lhe desagradava. Bonifácio quer Edgar dirigindo a fábrica para se dedicar mais à carreira política, além de outros negócios. Com a demolição de cortiços promovida pelas obras do governador Pereira Passos, avenidas serão construídas na intenção de modernizar a cidade. Bonifácio comprou no passado terrenos de Assunção (**Werner Schünemann**) e Constância por um valor irrisório, aproveitando a crise financeira da família, sabendo de antemão que esses terrenos iriam ser muito valorizados, após as reformas de Pereira Passos. Além disso, se tornou sócio de uma companhia de bondes que conseguiria a concessão para funcionar depois da construção das avenidas. Bonifácio não hesita em tirar vantagem da família Assunção. O ele que não imagina é que Constância, ao descobrir que foi passada para trás, lhe cobrará algumas compensações, entre elas, um emprego público para o seu marido, Alberto Assunção, no governo de Pereira Passos, e, mais tarde, o seu ingresso na carreira política. Assim, os dois vilões entram num jogo de gato e rato incrementado por uma forte atração física entre eles.

Enquanto Edgar e Laura vivem seus dramas individuais, outro casal, Isabel (**Camila Pitanga**), doméstica, e Zé Maria (**Lázaro Ramos**), auxiliar de barbeiro, são apaixonados e cheios de sonhos. Eles têm a certeza de que se amam e ficarão juntos para sempre. Mas estão prestes a viver um drama social, que influenciará para sempre suas vidas. No cortiço onde moram, crescem os boatos de que este pode ser invadido pela polícia e demolido em questão de semanas, ou de dias. Sinal dos tempos. De um novo Rio que está nascendo. Os ares insalubres das moradias coletivas não combinam com o novo ideal de uma cidade cosmopolita ou, mais especificamente, parisiense. Apesar da



tensão crescente no cortiço, Zé Maria e Isabel preferem adiar a preocupação por alguns dias. Querem curtir a felicidade do casamento, acreditar num futuro melhor. Prometem ao pai de Isabel, o Seu Afonso (**Milton Gonçalves**), um barbeiro boa gente, que pensarão numa solução após o casamento. Apesar de muito preocupado, Seu Afonso assente, em consideração aos noivos. Desde que a menina ficou órfã de mãe, criou a filha sozinha e não poupa sacrifícios para vê-la feliz. A cerimônia na igreja, por exemplo, quase acabou com suas economias, mas ele não esconde o orgulho. Sobretudo por gostar muito do noivo, seu colega de barbearia. O que Seu Afonso não sabe, nem mesmo a noiva Isabel, é que José Maria, também conhecido como Zé Navalha, é capoeirista. Zé esconde por uma boa razão: naquele tempo, a capoeira não era considerada um esporte, mas uma arma com a marca da marginalidade. Na verdade, Zé Maria não podia ser mais “do bem”: ganhou o apelido de Navalha não por desferir golpes mortais, e sim pela profissão de barbeiro.

Essas duas moças de origens diferentes vão se conhecer na igreja, no dia seguinte, já em seus vestidos de noiva. O casamento de Isabel atrasa bastante, por um motivo inesperado a todos: o noivo não aparece. Apesar de inconformada, Isabel é obrigada a desistir de esperar Zé Maria. Quem a pressiona e se mostra indignada com o atraso é Dona Constância, já que o casamento de sua filha Laura está marcado para logo depois. Assim, Isabel, a noiva apaixonada, será “abandonada” no altar. E Laura, a noiva claudicante, vai se casar com pompa e circunstância.

Lado a Lado foi escrita pela dupla de novatos **João Ximenes Braga** e **Cláudia Lage**, estreando como autores-solo, tendo o experiente **Gilberto Braga** como supervisor de texto.

A novela foi ambientada no Rio de Janeiro no início do século XX, rico em acontecimentos, como o advento do futebol e do samba, o fim dos cortiços e o processo de favelização do Rio -movimento conhecido como **Bota**

Abaixo, no governo do prefeito Pereira Passos (1902 a 1906)–, a influência francesa na construção da Avenida Rio Branco, as revoltas da Vacina (1904) e da Chibata (1910), o nascimento da mulher moderna na sociedade brasileira e a luta por sua emancipação, e o preconceito contra o negro, a mulher descasada, os “capoeiras”, as religiões africanas e os artistas.

O personagem Zé Maria foi uma espécie de Forrest Gump (Tom Hanks no filme homônimo) que acompanhou ou protagonizou os fatos históricos narrados na novela. Ele foi também testemunha do episódio em que um negro, seu amigo, aceitou passar pó-de-arroz para jogar futebol num clube da elite carioca, fato que ocorreu de verdade.

Os atores gravaram os primeiros capítulos em **Petrópolis**, região serrana do Rio de Janeiro. Depois, a produção transformou as ruas do centro histórico de **São Luís**, no Maranhão, no Rio de Janeiro do início do século XX, para as gravações que aconteceram na cidade durante dez dias, num trabalho de aproximadamente 100 profissionais, envolvendo equipes de produção, cenografia, figurino, caracterização, arte, direção, técnica e elenco. A capital maranhense foi escolhida por sua arquitetura ser muito semelhante com a do Rio do início do século passado.

Para compor as cenas que remetiam ao universo da época, o cineasta e fotógrafo **Walter Carvalho** foi convidado para assinar a direção de fotografia. O figurino era Belle Époque e a inspiração veio do Impressionismo, de nomes como Boldini e Renoir, como explicou a figurinista **Beth Fillepeck**: “*Todo esse trabalho é feito por uma equipe que vem da Escola de Belas Artes. Nós pigmentamos chapéus, roupas, sobressaias e elementos decorativos para que tudo tenha esse sentido da beleza etérea, celestial.*”

Lado a Lado ganhou o **Emmy** (prêmio norte-americano de televisão) de melhor telenovela de 2012, desbancando assim sua principal concorrente, *Avenida Brasil* (ver JDC #22).